

AUTOBIOGRAFIA, SLAVE'S NARRATIVES, CONSTRUÇÃO DO EU E AGENDA ABOLICIONISTA: O CASO DE OLAUDAH EQUIANO

AUTOBIOGRAPHY, SLAVE'S NARRATIVES, SELF-CONSTRUCTION, AND THE ABOLITIONIST AGENDA: THE CASE OF OLAUDAH EQUIANO

RAFAEL MARTINS NOGUEIRA¹

Resumo: Este artigo analisa a intersecção entre o gênero autobiográfico e as *Slave's Narratives* no século XVIII, com foco na obra *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African, Written by Himself* (1789). Argumenta-se que a autobiografia moderna, exemplificada por Rousseau, forneceu a base estrutural para a construção da identidade do “eu” do autor em Equiano. Analisando a narrativa sob a ótica da construção do sujeito, o estudo demonstra como o distanciamento temporal e as lacunas de memória atuam nesse processo. Por fim, o trabalho enfatiza que a maior relevância da obra de Equiano reside em sua intencionalidade política e abolicionista, utilizando a narrativa pessoal como um poderoso instrumento de combate ao tráfico negreiro, reforçando que a distinção entre fato e ficção cede lugar à agenda política.

Palavras-chave: Autobiografia. *Slave's Narratives*. Equiano.

Abstract: This article analyzes the intersection between the autobiographical genre and *Slave's Narratives* in the 18th century, focusing on *The Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano, or Gustavus Vassa, the African, Written by Himself* (1789). It is argued that modern autobiography, exemplified by Rousseau, provided the structural basis for the construction of the author's identity, or “self”, in Equiano. Analyzing the narrative under the perspective of subject construction, the study demonstrates how temporal distance and memory gaps operate in this process. Finally, the work emphasizes that the greatest relevance of Equiano's work lies in its

¹ Doutorando e mestre pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLIN) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Doutorado - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do Grupo de Estudos Semióticos da UFC (Semioce). Agradeço ao amigo Rodrigo Ordine (UNILAB) pela leitura atenta da primeira versão deste manuscrito e apoio inestimável. E-mail: rafaelmartinsnogueira@outlook.com.br.

political and abolitionist intentionality, using personal narrative as a powerful instrument to fight the slave trade, reinforcing that the distinction between fact and fiction gives way to the political agenda.

Keywords: Autobiography. *Slave's Narratives*. Equiano.

Considerações iniciais

Em meados do século XVIII, observa-se na Inglaterra e na França uma ebulição das narrativas autobiográficas, impulsionada pela curiosidade acerca da vida privada e marcando o início da autobiografia moderna². Embora as *Confissões* de Santo Agostinho, no século IV, sejam precursoras, teóricos como Philippe Lejeune³ e Peter Gay⁴ situam a consolidação do gênero com as *Confissões* de Jean-Jacques Rousseau, obra que estabeleceu um modelo de introspecção e exposição do “eu”⁵.

Philippe Lejeune, em sua obra seminal *O Pacto Autobiográfico* (1975), define a autobiografia como “uma narrativa retrospectiva em prosa que uma pessoa real faz da sua própria existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história da sua personalidade”⁶. Para o autor, o gênero pressupõe um pacto de autenticidade e compromisso com a realidade⁷, embora reconheça a falibilidade da memória e a literariedade intrínseca ao texto. Eliana Calado⁸ corrobora essa visão, entendendo a autobiografia como uma construção da identidade do “eu” no tempo presente, na qual as figuras de autor, narrador e personagem tendem a se confundir em uma ordem cronológica.

² LEJEUNE, Philippe. *L'autobiographie en France*. Paris: Armand-Colin, 2004, p. 43-45

³ LEJEUNE, 2004. *Op. cit.*, p. 43-45.

⁴ GAY, Peter. *O coração desvelado*. São Paulo: Companhia das letras, 1999, p. 121.

⁵ *Ibidem*.

⁶ LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 16.

⁷ *Ibidem*.

⁸ CALADO, Eliana Alda de Freitas. Da história ou da literatura? O limbo das autobiografias. *sÆculum - Revista de História*, João Pessoa, v.20, jan./jun. 2009, p. 105.

Diferentemente do autorretrato, que busca responder “o que sou”, a autobiografia narra o processo de “como me tornei quem sou”. Essa valorização da singularidade e a necessidade de sobreviver na memória alheia são marcas da contemporaneidade. Nesse contexto, Carla Scapini⁹ destaca que os relatos autobiográficos ganham relevância ao reconstituir o passado para elucidar o sujeito final da história. É a continuidade do sujeito na narrativa - entre passado, presente e futuro - que permite a construção de sua identidade e a diferenciação em relação ao outro¹⁰.

James Olney¹¹ complementa essa discussão ao observar que o autobiógrafo escreve sob a ótica do presente, ressignificando o passado. A memória, portanto, não atua como um registro neutro, mas como uma faculdade criativa e ativa (“*creative and active shaper*”), que molda os eventos passados para justificar o estado atual do ser¹². É sob essa perspectiva teórica, focada na construção do sujeito e na *Slave's Narrative*, que analisaremos a obra de Olaudah Equiano¹³.

Slave's narratives: the interesting narrative of the life of Olaudah Equiano ou Gustavus Vassa, the african

As *Slave's Narratives* (narrativas de escravizados) constituem um gênero fundamental para a compreensão da escravidão. Henry Louis Gates Jr.¹⁴ define-as como testemunhos escritos ou ditados por negros escravizados, publicados essencialmente antes de 1865. Inicialmente vistos como escritos efêmeros e politicamente motivados, esses textos tornaram-se fontes cruciais para historiadores, críticos literários e sociólogos.

James Olney, teórico central para o estudo deste gênero, argumenta que a autobiografia, neste contexto, não é um registro passivo, mas um ato criativo da memória que busca demonstrar como o passado conduziu ao “estado de ser” do presente. Sob essa ótica, analisamos *The*

⁹ SCAPINI, Carla Zanata. A construção do sujeito na autobiografia. *e-escrita, Revista do Curso de Letras da UNIABEU*. Nilópolis, v.4, n. 1, jan.-abr. 2013, p. 15.]

¹⁰ *Ibidem*.

¹¹ OLNEY, J. “I was born”: slave narratives, their status as autobiography and as literature. In: DAVIS, Charles T.; GATES JR., Henry Louis (Org.). **The slave's narrative**. New York: Oxford University Press, 1990, p. 149.

¹² *Ibidem*.

¹³ EQUIANO, Olaudah. **The interesting narrative and other writings**. New York: Penguin Books, 2003.

¹⁴ GATES, Jr., Henry Louis Gates, ed. **The Classic Slave Narratives**. New York: Signet Classics, 2002.

Interesting Narrative of the Life of Olaudah Equiano (1789). A obra narra a trajetória de Equiano (nascido por volta de 1745 na região da atual Nigéria), desde seu sequestro e escravização aos onze anos, passando por sua venda para as Índias Ocidentais e, posteriormente, para um oficial britânico que lhe deu o nome de Gustavus Vassa. Após servir na Guerra dos Sete Anos e comprar sua alforria, Equiano engajou-se no movimento metodista e abolicionista em Londres, onde publicou sua autobiografia e faleceu em 1797.

Para classificar a obra como uma *Slave's Narrative*, aplicamos os critérios estruturais de Olney¹⁵. O autor distingue duas dimensões temporais¹⁶: a episódica (eventos cronológicos) e a configuracional. A narrativa de Equiano privilegia a dimensão episódica, estruturando-se como uma sucessão linear de eventos (“evento após evento”)¹⁷. Essa escolha não é aleatória; ela visa tornar os fatos da escravidão imediatos e presentes para o leitor, revivendo-os através de uma descrição profunda e inquietante, alinhada ao objetivo político da obra.

Olney também elenca características formais “obrigatórias” no gênero¹⁸, como retratos gravados, testemunhos de autenticidade, epígrafes poéticas e documentos oficiais. A obra de Equiano cumpre rigorosamente essas convenções: apresenta um retrato do autor¹⁹ como cavalheiro inglês, a reivindicação “*Written by Himself*” na capa²⁰, além de incluir cartas e a frase canônica “*I was born...*” (Eu nasci...), localizando sua origem na África. O conteúdo segue o padrão temático apontado por Olney: a realidade da escravidão e a necessidade de sua abolição. Equiano descreve a crueldade dos senhores, a separação familiar (como a perda de sua irmã) e as barreiras à alfabetização.

¹⁵ *Ibidem*.

¹⁶ “Ele [o ato rememorativo/narrativo] a reflete [a vida] na medida em que o ato de emprego (ou enredo) combina em várias proporções duas dimensões temporais, uma cronológica e outra não cronológica. A primeira pode ser chamada de dimensão episódica. Ela caracteriza a história como sendo composta de eventos. A segunda é a dimensão configuracional, graças à qual o enredo constrói totalidades significativas a partir de eventos dispersos.”. OLNEY, 1990. *Op. cit.*, p. 150.

¹⁷ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*

¹⁸ OLNEY, 1990. *Op. cit.*

¹⁹ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*, p. 2.

²⁰ *Ibidem*.

No entanto, Paul Edwards²¹ nota uma “ambivalência” peculiar em Equiano: embora relate tratamentos cruéis, ele confessa sentir falta de seu antigo mestre, Pascoal, um sentimento fruto do crescimento de afeições pessoais coincidentes com o aprendizado da cultura britânica²². Por fim, a obra articula o “trio temático” essencial das narrativas de escravos definido por Olney²³: instrução (o aprendizado da leitura e aculturação), identidade (a construção do “eu” e a afirmação de uma origem) e liberdade (tanto a alforria pessoal quanto a luta abolicionista).

***Written by himself*: elementos de construção do “eu” na narrativa equiana**

Para compreendermos a autobiografia como gênero, cabe analisar as motivações intrínsecas à sua emergência. Para Scapini²⁴, os textos presentes no gênero autobiográfico: “São narrativas cuja matriz estruturante é a afirmação de uma identidade particular (ou a de um grupo), numa tentativa de resgatar, via processo memorialístico, quem é o eu que enuncia e marcar, ao mesmo tempo, uma diferença em relação ao outro, distinto desse eu²⁵.” Assim, a identidade construída na autobiografia não é apenas uma recriação ficcional; na realidade, ela implica questões ontológicas decorrentes da ideia de que a imagem do protagonista remete ao próprio autor, pressupondo que a narrativa seja a história de sua vida e ele, o sujeito central do texto. Dessa forma, para entender o processo de construção do “eu” no gênero autobiográfico, quesitos importantes deveriam ser considerados, inicialmente, a identificação dos sujeitos (autor, narrador, personagens) e suas posições. Seja por meio das experiências narradas e os eventos sequenciais, a narrativa desenvolverá um ser narrador-autoral-personagem que propiciará uma autoconsciência e uma autoexpressão do “eu”²⁶.

Sobre os conceitos autoconsciência e autoexpressão, definidos por Peter Heehs²⁷, que

²¹ EDWARDS, Paul. *Three West African writers of the 1780s*. In: DAVIS, Charles T.; GATES JR., Henry Louis (Org.). *The slave's narrative*. New York: Oxford University Press, 1990, p. 191.

²² *Ibidem*.

²³ *Ibidem*., p. 189.

²⁴ SCAPINI, 2013. *Op. cit.*

²⁵ *Ibidem*, p. 15.

²⁶ HEEHS, Peter. *Writing the self: diaries, memoirs, and the history of the self*. New York: Bloomsbury, 2013.

²⁷ *Ibidem*.

oferece levantamentos de concepções e representações sobre o “self” em escritos de diferentes períodos da história em vários autores, autoconsciência é a conscientização da razão, emoção e moral do “eu”. Com autoexpressão, Heehs conceitua a ideia de que a ilustração pela pessoa do discurso (1ª pessoa, 2ª pessoa ou 3ª pessoa), nos impulsos de sua narração, revela as suas dimensões numa dissolução gradual do “eu” (*self*)²⁸.

Na narrativa de Equiano²⁹ e seu cunho autobiográfico, é por meio dos elementos autor, narrador e personagem que se pode observar a construção do sujeito - marcadamente diferente de outros e dos períodos e acontecimentos que o sujeitaram ao “eu” Equiano presente³⁰. Há a representação consciente da razão, emoção e moral do “eu” Equiano com a autoexpressão crescente na narrativa.

Por esses elementos, *The Interesting Narrative*³¹, apresenta Olaudah Equiano e Gustavus Vassa (Equiano, seu nome de origem africana, e Vassa, o nome recebido por seu mestre Pascoal). Esses nomes se referem ao mesmo indivíduo que assina a autoria da sua autobiografia. Equiano e Gustavus são autor, narrador e personagem no enredo autobiográfico, sugerindo a projeção de canais pelos quais o sujeito empírico autoral cria para si e entalha sua identidade.

Os aspectos que se referem à criação da similaridade dos sujeitos na narrativa e ao indivíduo externo autor são a base para a construção da autobiografia. Assim, há na obra a identificação de que Equiano externo-autor é o narrador-personagem da obra, uma vez que a representação da figura na obra faz relação direta com o sujeito escritor. Desde a capa com o nome do escritor, *Olaudah Equiano or Gustavus Vassa*, ao nome do personagem e do narrador que são os mesmos. O 'Equiano escritor' torna-se, assim, uma entidade distinta (ou uma projeção posterior). É nas mãos autorais que perpassa a escolha material do conteúdo, seja ele linguístico, memorialístico ou experimentado por ele, que estará presente na obra³².

²⁸ *Ibidem*.

²⁹ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*

³⁰ SCAPINI, 2013. *Op. cit.*

³¹ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*

³² SCAPINI, 2013. *Op. cit.*

De acordo com Scapini³³, é a capa do livro que se torna signo representativo, anunciando a existência de um autor mediador entre a obra e o mundo; logo, a capa é, ao mesmo tempo, meio de identificação entre autor, narrador e personagem. Em Equiano³⁴, a capa é este meio de representação, identificação e ligação, primeiro pelo nome do escritor, depois por sua representação e sua criação identitária dentro da obra, construindo uma identidade representada pelo “eu” que se liga com o indivíduo externo chamado de escritor.

Dessa forma, quanto à questão da documentação da narrativa, quanto mais mascarada a ficção do relato através de dados paratextuais sobre a vida do autor, mais se colabora para o mundo narrado. Isso sobressalta a autobiografia que confirma e constrói a identidade do autor, o que condiciona a crença na imagem do autor do livro, permitindo vê-lo na vida real³⁵. Condicionando esta crença, o uso do pronome pessoal desenvolve na narrativa um desdobramento da imagem de si: ao dizer “eu”, a manipulação da imagem representada do indivíduo não é tão perceptível, já que propõe a ideia de um sujeito externo, inteiro, real, imagem e pensamento.

É por meio dos pronomes possessivos usados pelo narrador, “eu”, que descreve em seu relato, remetendo a si mesmo, sua mãe. Isso pode ser inferido a partir do uso dos pronomes em primeira pessoa, “my” e “me”, estabelecendo uma relação entre o mundo narrado e o narrador. Assim, pode-se observar no relato de Equiano o uso dos pronomes, como se nota:

[...] I was the youngest of the sons, I became, of course, the greatest favourite with my mother; and was always with her; and she used to take particular pains to form my mind. I was trained up from my earliest years in the art of agriculture and war: my daily exercise was shooting and throwing javelins; and my mother adorned me with emblems, after the manner of our greatest warriors³⁶.

Esse “I” (eu) depreende toda a atenção na narrativa; o trecho converge para ele. Mesmo

³³ *Ibidem*, p. 18.

³⁴ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*

³⁵ SCAPINI, 2013. *Op. cit.*

³⁶ “Eu era o mais novo dos filhos; tornei-me, é claro, o maior favorito de minha mãe, e estava sempre com ela; e ela costumava ter um cuidado especial em formar minha mente. Fui treinado desde meus primeiros anos na arte da agricultura e da guerra: meu exercício diário era atirar e lançar dardos (javelins); e minha mãe me adornava com emblemas, à maneira de nossos maiores guerreiros.”. EQUIANO, 2003. *Op. cit.*, p. 46.

falando sobre sua relação com outros (sua mãe), o narrador, na verdade, busca informar não sobre sua mãe, mas sim sobre o eu alusivo, que o pronome de primeira pessoa remete ao sujeito do discurso.

Em relação aos outros elementos da construção do “eu”, é por meio do distanciamento temporal que é possível depreender a diferença entre personagem e narrador³⁷. Dessa forma, Equiano relata que:

*Our tillage is exercised in a large plain or common, some hours walk from our dwellings, and all the neighbours resort thither in a body. They use no beasts of husbandry; and their only instruments are hoes, axes, shovels, and beaks, or pointed iron to dig with. Sometimes we are visited by locusts, which come in large clouds, so as to darken the air; and destroy our harvest. This however happens rarely, but when it does, a famine is produced by it. I remember an instance or two wherein this happened*³⁸.

É por meio desse “eu” do presente (*I remember an instance*) narrando um episódio do passado que se pode inferir a presença de um narrador e um personagem, distanciando uma enunciação de um enunciador. Segundo Scapini:

A disjunção entre ambas as categorias se deve principalmente ao fato de que o narrador se encontra em um tempo posterior a tudo o que aconteceu consigo. Por isso, ele olha para o passado de um modo muitas vezes diferente da maneira como a personagem o vê. Essa distinção, no entanto, não é somente da ordem da função de cada uma dessas categorias, isto é, narrar, por um lado, e ser tomado como objeto de narração, por outro³⁹.

Consoante às ideias da relação entre o enunciador e a enunciação, Scapini⁴⁰ defende que a conjunção que rege a ligação entre o narrador e o personagem, o pronome usado na narração que os identifica como o mesmo indivíduo, e a linha de distinção do narrador no personagem é a memória. Equiano, enquanto narra, interpreta o mundo para aqueles que não o vivenciaram,

³⁷ SCAPINI, 2013. *Op. cit.*, p. 19.

³⁸ “Nosso cultivo é praticado em uma grande planície ou terreno comum, a algumas horas de caminhada das nossas moradias, e todos os vizinhos se reúnem lá em conjunto. Eles não usam animais de lavoura; e seus únicos instrumentos são enxadas, machados, pás e bicos ou ferro pontiagudo para cavar. Às vezes, somos visitados por gafanhotos, que vêm em grandes nuvens, a ponto de escurecer o ar e destruir nossa colheita. Isso, no entanto, acontece raramente, mas quando ocorre, resulta em uma fome. Lembro-me de um ou dois casos em que isso aconteceu”. EQUIANO, 2003. *Op. cit.*, p. 38.

³⁹ SCAPINI, 2013. *Op. cit.*, p. 19.

⁴⁰ *Ibidem*.

como defende Scapini: “O narrador é uma constante que conhece a sua história tal qual um deus, que sabe de antemão o destino de todas as coisas”⁴¹.

Considerando Equiano conhecedor de seu passado como um “deus”, narrar eventos vividos esteia-se na premissa da memória, ricocheteando para uma importante questão: de todo um passado, há o que não pode ser mais recuperado. Desta forma, a identidade criada pode não ser tão coesa quanto o relato mostra, ou que certa coerência dependa de uma construção do presente, ou seja, o sujeito do presente reescrevendo seu passado⁴².

Quanto ao compromisso de Equiano em “lembrar”, buscando reaver um “eu” passado, ele indica não relembrar de tudo, levando em consideração que o leitor compreende sua narrativa como uma história de recordações. Ao sinalizar a existência de lacunas em seu passado - das quais não consegue dar conta -, e simultaneamente propor uma narrativa objetiva, Equiano acaba fragilizando a linearidade cronológica dos eventos relatados.

Enquanto há a premissa de que tudo de fato ocorreu, Equiano, buscando recuperar seu passado, alega não lembrar, desequilibrando as ideias de uma narrativa linear, concreta e imparcial, retendo uma crença de identidade iluminista na sua construção narrativa. A identidade iluminista é definida por Stuart Hall⁴³ como a noção do sujeito totalmente centrado, unificado, dotado de capacidades como a razão, a consciência e a ação, emergindo quando o sujeito nasce, permanecendo essencialmente o mesmo⁴⁴. Porém, a identidade não é imutável, ela muda, diferente do que propõe a ideia iluminista. Como defende Hall⁴⁵, essa ideia de uma identidade fixa, essencial ou permanente não resiste à ideia de identidade pós-moderna, que é a ideia de uma identidade transformada continuamente. O sujeito de cinco segundos atrás que escreveu algo, não é o mesmo de cinco segundos depois. O sujeito assume identidades diferentes em vários momentos. Portanto, não se pode argumentar que Equiano permaneceu imutável e nem que a identidade do “eu” Equiano do presente não influenciou a imaginação e recordação dos eventos

⁴¹ *Ibidem*, p. 22.

⁴² *Ibidem*.

⁴³ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011, p. 10-11.

⁴⁴ *Ibidem*.

⁴⁵ *Ibidem*, p. 12-13.

passados. Quando a narração cronológica de Equiano é abalada, ela acaba dando margem para um grau de subjetividade em toda a obra. Assim, defende Olney que:

[...] Is immensely creative I do not mean that it creates for itself events that never occurred (of course this can happen too, but that is another matter). What I mean instead is that memory creates the significance of events in discovering the pattern into which those events fall. And such a pattern, in the kind of autobiography where memory rules, will be a teleological one bringing us, in and through narration, and as it were by an inevitable process, to the end of all past moments which is the present. It is in the interplay of past and present, of present memory reflecting over past experience on its way to becoming present being, that events are lifted out of time to be resituated not in mere chronological sequence but in patterned significance⁴⁶.

Logo, de acordo com Olney, pode-se defender que a memória cria significados para as lacunas dos eventos não lembrados, por isso, memória criativa, ou seja, a memória constrói para si, de acordo com o padrão das lembranças, imagens imaginativas, em uma tentativa de sanar as lacunas que existem do passado, dando vazão para preencher memórias não lembradas com outras que podem ou não terem acontecido.

Destarte, o autor é uma peça importante no processo de construções do “eu”, no gênero autobiográfico. Scapini⁴⁷ argumenta que o escritor, narrador e personagens possuem a mesma identidade, concordando com Lejeune⁴⁸ que defende que: “Essa identidade, embora não seja mais estabelecida no texto pelo emprego do “eu”, é estabelecida indiretamente, mas sem nenhuma ambiguidade, através da dupla equação: autor = narrador e autor = personagens, donde se deduz que narrador = personagem, mesmo se o narrador permanecer implícito.”. Tais semelhanças são reforçadas por fatores como a homonímia entre narrador, escritor e personagem, os paralelos entre o relato e a vida do autor, além da contextualização presente nos paratextos. Em Equiano⁴⁹,

⁴⁶ “A memória é imensamente criativa - não quero dizer que ela crie para si eventos que jamais ocorreram (é claro que isso também pode acontecer, mas isso é outra questão). O que quero dizer é que a memória cria o significado dos eventos ao descobrir o padrão no qual esses eventos se encaixam. E tal padrão, no tipo de autobiografia onde a memória governa, será teleológico, nos conduzindo, na e através da narração, e como que por um processo inevitável, ao fim de todos os momentos passados que é o presente. É na interação do passado e do presente, da memória presente refletindo sobre a experiência passada a caminho de se tornar ser presente, que os eventos são retirados do tempo para serem resituados, não em mera sequência cronológica, mas em significado padronizado.”. OLNEY, 1990. *Op. cit.*, p. 149.

⁴⁷ SCAPINI, 2013. *Op. cit.*

⁴⁸ LEJEUNE, 2014. *Op. cit.*, p. 19.

⁴⁹ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*

as características acima descritas em Scapini e Lejeune são observadas: o autor é a manifestação das imagens do sujeito enunciado, portanto, possibilitando que o autor⁵⁰ seja construído semelhantemente aos indivíduos desenvolvidos ao decorrer do relato, ganhando corpo e consciência, ou de acordo com Peter Heehs⁵¹, autoexpressão e autoconsciência.

Equiano: fim do século xviii e uma agenda política e abolicionista

Por volta de 1789, na Inglaterra, parlamentares reviam o tráfico de escravizados e a abolição desse comércio. Em 1807, uma década após a morte de Olaudah Equiano (1797), sua defesa pelo fim da escravidão foi atendida. Segundo Paul Lovejoy⁵²:

The book was influential in shaping public opinion thereafter and therefore was important in the ultimate withdrawal of Britain from the slave trade. It is perhaps no wonder, then, that Olaudah Equiano, alias Gustavus Vassa, the 'African,' has been described as the 'the vanguard of the Abolitionist movement in England. Certainly his stature, as perceived through historical hindsight if not always appreciated, was comparable to that of Ramsay, Sharp, Clarkson and Wilberforce. And with the possible exception of Cuagno, there was no other African in London who commanded such respect as a spokesperson for black people, whether African born or descendents of those forcibly removed from Africa.

Sua autobiografia, publicada durante o momento das audições parlamentares para a abolição -março de 1789-, não passou despercebida; a narrativa foi vista como um dos maiores instrumentos para revogação da *Slave-Act*, tornando-se um livro influente na formação da opinião pública, como será demonstrado a seguir.

É na influência da publicação de sua obra que o foco narrativo de Equiano se compromete com uma agenda política em que ele era um dos porta-vozes principais. Tratando-se de sua

⁵⁰ SCAPINI, 2013. *Op. cit.*, p. 28.

⁵¹ HEEHS, 2013. *Op. cit.*

⁵² “O livro [A Narrativa de Equiano] foi influente na formação da opinião pública a partir de então e, portanto, foi importante para a eventual retirada da Grã-Bretanha do comércio de escravos. Talvez não seja de admirar, então, que Olaudah Equiano, também conhecido como Gustavus Vassa, o ‘Africano’, tenha sido descrito como ‘a vanguarda do movimento Abolicionista na Inglaterra’. Certamente, a sua estatura, percebida através da retrospectiva histórica, se não sempre apreciada, era comparável à de Ramsay, Sharp, Clarkson e Wilberforce. E, com a possível exceção de Cugoano, não havia outro africano em Londres que comandasse tanto respeito como porta-voz para o povo negro, fosse ele nascido na África ou descendente daqueles removidos à força da África.”. LOVEJOY, Paul E. *Autobiography and Memory: Gustavus Vassa, alias Olaudah Equiano, the african. Slavery and Abolition*, Vol. 27, N° 3, dezembro, 2006, p. 317–318.

escrita enquanto discurso, de acordo com Vivien Burr⁵³, é na prática discursiva (seja na modalidade escrita ou falada), conectada com o institucional, ou seja, com a sociedade como um todo, cultura, política, religião ou local de origem e com as práticas sociais, que o discurso ganha um profundo efeito em como se vive e do que se faz. O discurso tem o poder de influenciar a percepção da realidade. Por isso, Norman Fairclough⁵⁴ defende que:

[...] A relação entre discurso e estrutura social seja considerada como dialética para evitar erros de ênfase indevida; de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção do social no discurso. No primeiro caso, o discurso é mero reflexo de uma realidade social mais profunda; no último, o discurso é representado idealizadamente como fonte do social.

E é nessa dialética proposta por Fairclough, na qual o discurso modifica a prática social, enquanto a prática social influencia o discurso, que se pode situar a escrita de Equiano⁵⁵ no período social que estava inserido. Seja qual for a ordem - o discurso que modifica a prática ou a prática influenciando o discurso - a publicação da obra de Equiano no momento político-abolicionista teve forte influência na luta em questão.

Segundo Vivien Burr⁵⁶, no discurso tem-se a configuração de significado de metáforas, representações de imagens, histórias, estados, que de alguma forma, juntos, produzem uma vez, uma visão particular das experiências de quem se fala; logo, o que as pessoas falam e escrevem é o que defendem. Equiano, em seu relato autobiográfico, seleciona um narrador determinado a demonstrar o quanto a sociedade precisa da abolição, da liberdade, pois não há mais como suportar tanta desumanidade:

Surely this traffic cannot be good, which spreads like a pestilence, and taints what it touches! Which violates that first natural right of mankind, equality and independency, and gives one man a dominion over his fellows which God could never intend! For it raises the owner to a state as far above man as it depresses the slave below it; and, with all the presumption of human pride, sets a distinction between them, immeasurable in extent, and endless in duration! Yet how mistaken is the avarice even of the planters?

⁵³ BURR, Vivien. *Social constructionism*. New York: Routledge, 2003.

⁵⁴ FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora UNB, 2001, p. 92.

⁵⁵ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*

⁵⁶ BURR, 2003. *Op. cit.*

*Are slaves more useful by being thus humbled to the condition of brutes, than they would be if suffered to enjoy the privileges of men? The freedom which diffuses health and prosperity throughout Britain answers you--No. When you make men slaves you deprive them of half their virtue, you set them in your own conduct an example of fraud, rapine, and cruelty, and compel them to live with you in a state of war; and yet you complain that they are not honest or faithful!*⁵⁷

Equiano em sua autobiografia traça um apelo ao fim da escravidão, como um dos que vivenciaram esse período que o marcou, apresentando suas experiências em sua obra. Assim, pensando a agenda abolicionista, a construção literária de Equiano é um meio de demonstrar sua insatisfação com a condição social em que viveu, sendo usada como uma arma literária para o fim da escravidão. Sobre isso, Paul Edwards⁵⁸ defende que: “[...] *Interesting Narrative* is not only a unique document for the modern reader; in its own day, it was distributed so widely by its itinerant author and sold so many copies that he was said by one of his contemporaries to be a principal instrument in bringing about the motion for a repeal of the Slave-act”.

Se a obra de Equiano, em certa medida, ficou comprometida com a agenda abolicionista de seu tempo, toda sua narração é factual? Ou seja, ele poderia ter alterado algo para esse fim? Em relação às inconsistências factuais presentes na obra, Paul Lovejoy⁵⁹ reconsidera alguns pontos da narrativa equiana sob o viés da historicidade. O autor revisa fontes históricas, atentando para questões como: o local de nascimento de Equiano, seu nome, como e onde aprendeu o inglês e o idioma Igbo, sua origem africana (ou não) e seu engajamento político no

⁵⁷ “Certamente este tráfico não pode ser bom, que se espalha como uma pestilência e contamina o que toca! Que viola aquele primeiro direito natural da humanidade, a igualdade e a independência, e confere a um homem um domínio sobre os seus semelhantes que Deus jamais poderia ter pretendido! Pois ele eleva o proprietário a um estado tão acima do homem quanto deprime o escravo abaixo dele; e, com toda a presunção do orgulho humano, estabelece entre eles uma distinção imensurável em extensão e interminável em duração! No entanto, quão equivocada é a avareza até mesmo dos plantadores? São os escravos mais úteis por serem assim humilhados à condição de brutos do que seriam se lhes fosse permitido gozar dos privilégios de homens? A liberdade que difunde saúde e prosperidade por toda a Grã-Bretanha vos responde: Não. Quando transformais homens em escravos, privais-lhes de metade de sua virtude, estabeleceis em vossa própria conduta um exemplo de fraude, rapina e crueldade, e os obrigais a viver convosco num estado de guerra; e, no entanto, vos queixais de que eles não são honestos ou fiéis!”. EQUIANO, 2003. *Op. cit.*, p. 111.

⁵⁸ “A *Interesting Narrative* não é apenas um documento único para o leitor moderno; em sua época, ela foi distribuída tão amplamente por seu autor itinerante e vendeu tantas cópias que um de seus contemporâneos afirmou que ele foi um instrumento principal para provocar a moção para a revogação da Lei dos Escravos”. EDWARDS, 1990. *Op. cit.*, p. 196.

⁵⁹ LOVEJOY, 2006. *Op. cit.*

fim do século XVIII. Lovejoy considera que Equiano possa ter fabricado algumas questões em sua narrativa a fim de usá-la como instrumento para determinados fins políticos - no caso, a abolição -. O historiador reconhece esses desencontros de informações ou inexatidões do relato e postula que:

[...] His descriptions of his experiences of Africa and the notorious 'Middle Passage' fabricated or are they derived from his personal experience? It might be argued that it doesn't matter that much in terms of Vassa's impact on the abolition movement, which was profound, because a fictionalized account of his childhood might be just as effective for political purposes to garner support for the abolitionist cause as an account that was in fact the truth⁶⁰.

De acordo com Lovejoy⁶¹, se Equiano descreve em sua narrativa sua real experiência ou se foi fabricada por ele, ela resultou em algo e foi proposital para o objetivo de angariar apoio político, pois sua obra impactou sua época e todo o processo abolicionista. Em relação à veracidade dessas “experiências” tidas como “fatos” por Equiano, de acordo com Calado⁶²:

O autobiógrafo não consegue dizer a verdade porque ela não existe em si. A única verdade que se pode encontrar é a do autor. Isto não significa que a autobiografia não contenha inexatidões, que ela não possa, em alguns momentos, até mesmo se mostrar tendenciosa ou fazer relatos equivocados.

Na factualidade ou ficcionalidade da narrativa de Equiano, Lovejoy⁶³ menciona em sua obra um trecho da carta de William Langworthy, em 10 de outubro de 1793, que faz menção ao envolvimento de Equiano na luta pela abolição, enfatizando que se Equiano mentiu sobre ser um autêntico africano foi por motivos nobres, como se observa:

[...] 'The simplicity that runs through his Narrative is singularly beautiful, and that beauty is heightened by the idea that it is true; this is all that I shall say about this

⁶⁰ “As suas descrições das suas experiências na África e na notória 'Passagem do Meio' foram fabricadas ou são derivadas da sua experiência pessoal? Pode-se argumentar que isso não importa tanto em termos do impacto de Vassa no movimento abolicionista, que foi profundo, pois um relato ficcionalizado da sua infância poderia ser tão eficaz para fins políticos - para angariar apoio para a causa abolicionista - quanto um relato que fosse, de fato, a verdade.”. LOVEJOY, 2006. *Op. cit.*, p. 319.

⁶¹ *Ibidem*.

⁶² CALADO, 2009. *Op. cit.*, p. 108.

⁶³ LOVEJOY, 2006. *Op. cit.*

book. The emphasis on truth was in the original. Langworthy noted 'the active part he [Vassa] took in bringing about the motion for a repeal of the Slave Act, [which] has given him much celebrity as a public man; and, in all the varied scenes of chequered life, through which he has passed, his private character and conduct have been irreproachable.' Vassa was 'engaged in so noble a cause as the freedom and salvation of his enslaved and unenlightened countrymen.' If he was not born in Africa, then he lied, perhaps with noble political motives, but nonetheless propagating a falsehood, since kidnapping and sale into slavery were the central features of his autobiography, intended for political reasons to advance the cause of abolition. His book sold well because he was an 'authentic' African⁶⁴.

Assim, Lovejoy⁶⁵ e Paul Edwards⁶⁶ concordam que a obra de Equiano vendeu inúmeras cópias pelo cerne abolicionista da narrativa e por sua afirmação como um autêntico africano. Definir-se como um africano trouxe uma validade consideravelmente respeitada na narrativa de Equiano. Mesmo que se questione a validade na origem de Equiano, se ele veio ou não de Igbo, como faz Lovejoy, certamente se afirmar um africano foi o ponto alto na luta abolicionista. Equiano foi ouvido pela sociedade, se tornou um porta-voz; nada melhor do que representar uma luta pelo fim da escravidão do que um africano que foi escravo, que viveu tudo aquilo. Ainda melhor é escrever uma obra que pudesse, em detalhes, mostrar tudo que sofreu. Sua narrativa, de acordo com Gates⁶⁷, teve um forte impacto nos escritos de escravizados, tornando-se um protótipo de narrativas desse gênero.

Lovejoy⁶⁸ busca compreender como Equiano⁶⁹ se utilizou de uma origem africana e como isso só veio à tona no período da luta abolicionista no fim do século XVIII em Londres. Em Lovejoy reverbera o questionamento de por que apenas nesse momento de luta, Equiano se

⁶⁴ “A simplicidade que percorre a sua narrativa é singularmente bela, e essa beleza é intensificada pela ideia de que é verdade; isto é tudo o que direi sobre este livro. A ênfase na verdade estava no original. Langworthy observou o papel ativo que ele, Vassa, desempenhou ao provocar a moção para a revogação da Lei dos Escravos, o que lhe conferiu grande celebridade como figura pública; e, em todas as cenas variadas de sua vida acidentada, seu caráter privado e conduta têm sido irrepreensíveis. Vassa estava engajado em uma causa tão nobre como a liberdade e a salvação de seus compatriotas escravizados e não iluminados. Se ele não nasceu na África, então mentiu, talvez com nobres motivos políticos, mas, ainda assim, propagando uma falsidade, visto que o sequestro e a venda como escravo eram as características centrais de sua autobiografia, destinada, por razões políticas, a impulsionar a causa da abolição. Seu livro vendeu bem porque ele era um africano ‘autêntico’.”. LOVEJOY, 2006. *Op. cit.*, p. 320.

⁶⁵ LOVEJOY, 2006. *Op. cit.*

⁶⁶ EDWARDS, 1990. *Op. cit.*

⁶⁷ GATES, 2002. *Op. cit.*

⁶⁸ LOVEJOY, 2006. *Op. cit.*

⁶⁹ EQUIANO, 2003. *Op. cit.*

autoafirma africano, e em que proporção isso pode ser confiável, pois, quando ele se autodeclara africano, sua obra não só vendeu mais cópias, como foi um instrumento usado na luta pelo fim da escravidão, como se pode observar em:

What is not understood is why he would not say he was born in Africa at this time. He clearly told the man he worked for, Dr. Charles Irving, that he was an African and spoke Igbo, and on the basis, the Mosquito Shore caper was planned. It is unlikely that Irving would have otherwise later employed him in a plantation scheme unless he had a knowledge of Igbo. Hence it is a question of when he told the truth, whether in his autobiography or at the time of his baptism and trip to the Arctic. Methodologically, it cannot be assumed that conflicting documentary information is sufficient to deny his African birth, his conscious development of an Igbo identity, his identification with both an African community, and ultimately his commitment to a multi-racial society, as evidenced in his marriage. The preponderant evidence confirms his African birth, and the documents that claim otherwise have to be interpreted accordingly. What appears to confirm the place of birth as South Carolina disappear when the chronology of his Narrative is more carefully deciphered, suggesting that Vassa was likely two or three years older than he thought, not younger as Carretta has concluded. When all factors are considered, especially in consequence of what he reveals about eighteenth-century culture and society in Igboland, the most reasonable conclusion in assessing whether or not Vassa was born in Africa or in America is to believe what Vassa claimed, that he was born in a place called 'Essaka.' Hence his account of his homeland and the terror of the 'Middle Passage' should be considered as being derived from his memory, which he attempted to place in the context of what was known in Britain about Africa⁷⁰.

Consequentemente, se autoconsiderar africano repercutiu, tanto na sua escrita, se verídica ou não, como na luta antiescravagista, com sua narrativa. Durante a abolição do tráfico e da

⁷⁰ “O que não se compreende é por que ele não teria dito que nasceu na África naquela época. Ele disse claramente ao homem para quem trabalhava, o Dr. Charles Irving, que era africano e falava Igbo; e com base nisso, o empreendimento em Mosquito Shore foi planejado. É improvável que Irving o tivesse empregado mais tarde em um esquema de plantação, a menos que ele tivesse conhecimento de Igbo. Portanto, a questão é quando ele disse a verdade, se em sua autobiografia ou na época de seu batismo e viagem ao Ártico. Metodologicamente, não se pode presumir que informações documentais conflitantes sejam suficientes para negar seu nascimento africano, seu desenvolvimento consciente de uma identidade Igbo, sua identificação com uma comunidade africana e, finalmente, seu compromisso com uma sociedade multirracial, conforme evidenciado em seu casamento. A evidência preponderante confirma seu nascimento africano, e os documentos que alegam o contrário devem ser interpretados em conformidade. O que parece confirmar o local de nascimento como Carolina do Sul desaparece quando a cronologia de sua Narrativa é decifrada com mais cuidado, sugerindo que Vassa era provavelmente dois ou três anos mais velho do que pensava, e não mais jovem, como Carretta concluiu. Quando todos os fatores são considerados, especialmente em consequência do que ele revela sobre a cultura e a sociedade do século XVIII em Igboland, a conclusão mais razoável ao avaliar se Vassa nasceu ou não na África ou na América é acreditar no que Vassa afirmou, que ele nasceu em um lugar chamado 'Essaka'. Portanto, seu relato de sua terra natal e do terror da 'Passagem do Meio' deve ser considerado como sendo derivado de sua memória, que ele tentou situar no contexto do que era conhecido na Grã-Bretanha sobre a África”. LOVEJOY, 2006. *Op. cit.*, p. 338.

escravidão, Equiano, portanto, foi um contribuinte; sua carta à rainha, junto com sua autobiografia, foram cruciais para esse fim. E é sobre a autobiografia que Peter Gay⁷¹ defende:

O que ouvimos é que, com toda a sua exibição de fatos, sua jactância de autenticidade, seu alardear de segredos íntimos, não passam de uma simplificação tendenciosa, são construções artificiais, elementos prementes na elaboração de uma imagem pessoal – em suma, não diferem das obras de ficção.

Assim, a linha da ficção e da factualidade, de acordo com Gay⁷², são tênues quanto às autobiografias. Há um tendencionismo na escrita autobiográfica que não é tão óbvio aos leitores, principalmente quanto ao Pacto autobiográfico de Lejeune⁷³, em que o autor promete a verdade, apenas a verdade ao leitor.

Considerações finais

Portanto, a partir do que foi abordado, observa-se que o traço manipulador na escrita de Equiano - tanto no viés das escolhas memoriais quanto na forma do relato - aponta para a compreensão da obra autobiográfica fundamentalmente como uma arma política. Ou seja, a questão de seu nascimento em África se torna secundária em comparação com a relevância de sua obra como um poderoso instrumento na luta abolicionista.

Curiosamente, como aponta Gay⁷⁴, os limites entre ficção e realidade diluem-se no século XVIII. A concepção tradicional da autobiografia como um registro estritamente factual e histórico não se sustenta plenamente na obra de Equiano, que transita, por vezes, no terreno da fabulação.

Pôde-se também constatar que toda obra autobiográfica é tão construída quanto uma obra ficcional; no caso de Equiano, essa construção revela-se na intencionalidade de sua agenda política abolicionista, ou seja, o uso da literatura como arma política no fim do século XVIII. A leitura da *Interesting Narrative* deve, portanto, ser balizada não pela busca da verdade literal, mas

⁷¹ GAY, 1999. *Op. cit.*, p. 121

⁷² *Ibidem.*

⁷³ LEJEUNE, 2014. *Op. cit.*

⁷⁴ GAY, 1999. *Op. cit.*

pela compreensão de como o gênero autobiográfico foi cooptado e transformado em um manifesto eficaz contra a escravidão, provando o profundo impacto da literatura na formação da opinião pública e na modificação de práticas sociais em um período crucial da história moderna.

A análise do *status* da autobiografia de Equiano, segundo Olney, revela que a memória é uma faculdade criativa que preenche as lacunas do passado com significados, reforçando o caráter construído de toda narrativa de si. Dessa forma, o presente estudo contribui para situar Equiano não apenas como um memorialista da escravidão, mas como um autor estratégico que soube utilizar as convenções do gênero autobiográfico para impulsionar uma das mais importantes agendas políticas do seu tempo.

Referências

Fontes

EQUIANO, Olaudah. **The interesting narrative and other writings**. New York: Penguin Books, 2003.

Bibliografia

Livros

BORGES, J. L. **O livro, Cinco Visões Pessoais**. Brasília: Ed. da UNB, 1995.

BURR, Vivien. **Social constructionism**. New York: Routledge, 2003.

DAVIS, Charles T.; GATES JR., Henry (Org.). **The slave's narratives**. New York: Oxford University Press, 1990.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UNB, 2001.

GATES JR., Henry Louis (Ed.). **The Classic Slave Narratives**. New York: Signet Classics, 2002.

GAY, Peter. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das letras, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HEEHS, Peter. **Writing the self: diaries, memoirs, and the history of the self**. New York:

Bloomsbury, 2013.

LECARME, Jacques; LECARME – TABONE, Éliane. **L'autobiographie**. Paris: Armand Colin, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1996.

LEJEUNE, Philippe. **L'autobiographie en France**. Paris: Armand-Colin, 2004.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. **Dictionnaire philosophique dans lequel sont réunis les Questions sur l'Encyclopédie, L'opinion en alphabet, les articles insérés dans l'Encyclopédie, et plusieurs destinés pour le Dictionnaire de l'Académie française, etc.** Vol. XII, Paris: 1816.

Capítulos de livros

EDWARDS, Paul. Three West African writers of the 1780s. In: DAVIS, Charles T.; GATES JR., Henry Louis (Org.). **The slave's narrative**. New York: Oxford University Press, 1990. p. 175-197.

OLNEY, J. "I was born": slave narratives, their status as autobiography and as literature. In: DAVIS, Charles T.; GATES JR., Henry Louis (Org.). **The slave's narrative**. New York: Oxford University Press, 1990. p. 148-175.

Artigos em periódicos

CALADO, Eliana Alda de Freitas. Da história ou da literatura? O limbo das autobiografias. *sÆculum - Revista de História*, João Pessoa, v.20, jan./jun. 2009.

LOVEJOY, Paul E. Autobiography and Memory: Gustavus Vassa, alias Olaudah Equiano, the african. *Slavery and Abolition*, Vol. 27, Nº 3, Dez, 2006, p. 317-347.

MARQUES, José Oscar de Almeida. Rousseau e a forma moderna da autobiografia. **ABRALIC**: Porto Alegre, 2004. Disponível em: https://unicamp.br/~jmarques/pesq/Forma_moderna_da_autobiografia.pdf. Acesso em 20 de nov. 2025.

SANTOS, José de Paiva dos. Autobiografia, Apropriações e Subversões: a Literatura Negra Abolicionista nos Estados Unidos Oitocentistas. *Revista Vertentes*, v. 19, p. 36-51, 2011.

SCAPINI, Carla Zanata. A construção do sujeito na autobiografia. *e-escrita, Revista do Curso de*

Letras da UNLABEU. Nilópolis, v.4, Número 1, Jan.-Abr. 2013.